

## **O admirável mundo da informação e do conhecimento: livro impresso em papel e livro eletrônico**

---

Por

**Kátia de Carvalho**

Professor titular do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia  
(Brasil)

---

### **Resumo:**

As relações da leitura e da escrita, as práticas de leitura, o livro e o acesso ao conhecimento. O processo de leitura e a formação de um leitor crítico. A importância de escola da Biblioteca e da família nesse contexto. A ampliação de espaços considerados alternativos de leitura que encontram no eletrônico novas maneiras de disseminar informação e conhecimento. Leitura como elemento de transformação de indivíduos em cidadãos. O ato de ler como importante nesse momento de profundas transformações na esfera tecnológica e na esfera cognitiva.

### **Palavras-chave:**

Conhecimento; Leitura; Livro impresso em papel; Informação-acesso; Livro eletrônico.

### **Abstract:**

The relationships of reading and writing, reading practices, the book and the access to the learning. The reading process and the formation of a critical reader. The importance of the school, of the library and the family within this context. Increasing spaces considered to be alternative reading spaces like the electronic that present new ways of spreading information and knowledge. Reading as an element that can change individuals into citizens. The reading act as an important asset at this moment of deep changes in the technological sphere and the cognitive sphere as well.

### **Keywords:**

Knowledge; Reading; Books; Information access; E-Books.

---

### **Informação e conhecimento**

Alguns acontecimentos notáveis marcam a história ocidental: a invenção da imprensa, a revolução industrial e a revolução da informação. Algumas invenções, como o compasso e a pólvora trouxeram valiosas contribuições. Coube a imprensa acentuar, de modo avassalador, o desenvolvimento cultural dos povos, impulsionando a

disseminação do livro, provocando mudanças irreversíveis. A ordem mundial se modifica com os descobrimentos da América pelos portugueses e espanhóis, sendo o impacto provocado pela imprensa na época, semelhante ao que ocorre com o uso do computador.

A escrita, que antecede a imprensa como elemento de convergência e de fio condutor no que tange ao registro da história cultural do homem, responde pela passagem da sociedade gutenberguiana para a sociedade eletrônica e, como todo processo, trazendo contribuições efetivas.

Escrita e leitura, como atos culturais associados passam a exercer dominação, sempre ampliada a partir do uso de tecnologias mais eficientes. Para discorrer sobre leitura e meios de fomentar as suas práticas, é necessário compreender o processo histórico de assimilação da informação e conhecimento. O desejo humano de registrar pensamentos se expressam nas pinturas rupestres quando nossos antepassados gravam a memória do cotidiano no interior das cavernas.

A necessidade de sobrevivência fez o homem buscar outros conhecimentos com a necessidade de deter um saber por ele constituído. O homem pré-histórico utiliza como forma de adquirir conhecimento, a experiência baseada em observações do cotidiano e essas experiências podem facilitar a compreensão e o funcionamento das coisas e ainda estabelecer meios controladores que proporcionem a ampliação de um conhecimento maior do seu espaço de convivência.

Através das religiões e das mitologias o homem explica as suas inquietações, compreende o seu papel e, pelo bom senso, alarga o entendimento em relação ao seu lugar no mundo.

O aperfeiçoamento de novas técnicas levam ao descobrimento dos alfabetos nesse longo percurso à procura de novas modalidades que favorecem o registro do pensamento humano. Entretanto, os alfabetos não provocam mudanças expressivas.

Na antiguidade clássica, a escrita vai se constituir em um poderoso recurso de expressão do homem, possibilitando a fixação de suas idéias. Nesse contexto, os filósofos gregos tiveram presença significativa nas origens da construção do saber científico ocidental. Vale lembrar que Platão e Aristóteles desenvolveram os instrumentos de lógica estabelecendo a distinção e também as relações entre os sujeito, que procura conhecer, e o objeto a ser conhecido.

Na idade média a filosofia a serviço da religião faz com que a teologia supere o conhecimento filosófico. O conhecimento religioso se amplia nessa realidade. A assimilação e transmissão do conhecimento crescem com a consolidação da ciência moderna e a disseminação de informação e do conhecimento vão modificar a atividade humana.

A imprensa potencializa a difusão da informação e do conhecimento, sendo a escrita o instrumento de fixação de textos, legitimando o registro escrito original e probatório. Apropriados pelas ciências jurídicas como testemunho em substituição ao testemunho oral, introduz a fixação, a permanência e a perenidade desejadas pela sociedade. A

imprensa escrita, como agente de mudanças e a Igreja desencadeiam um processo de disseminação dos evangelhos fazendo emergir um público leitor.

Com o avanço da ciência, surge a interpretação como produto do espírito humano e à medida que o homem assimila conhecimentos e produz novos textos, o pensamento científico torna-se mais objetivo. O século XVII reafirma um saber racional com base na observação da realidade.

O Iluminismo valoriza a ascensão do homem com a missão de transformar o mundo, contando com o apoio do poder real, através dos monarcas europeus conhecidos como déspotas esclarecidos. O ideal da doutrina iluminista voltado para o processo de humanização da sociedade tinha entre os seus representantes, na Península Ibérica, os ministros espanhóis Aranda e Floridablanca e o português Marquês de Pombal. A valorização do homem influencia a disseminação da informação e do conhecimento e elege o periódico como um dos mais vigorosos meios de comunicação a serviço do conhecimento científico.

Este movimento de renovação foca o saber e valoriza a emergente atividade intelectual e se expressa na literatura, pelo romantismo. A produção de livros e a renovação de processos tipográficos passam a exigir novas técnicas e metodologias de controle dessa produção emergente. O projeto iluminista desencadeia um processo incontrolável de crescimento da imprensa escrita importante para a história cultural do homem. Entre as fontes de informação que simbolizam as idéias iluministas, as bibliografias e catálogos se destacam, porque ainda na forma manuscrita já disseminavam informação referente aos acervos existentes nas bibliotecas medievais.

Coube a enciclopédia, a demonstração do interesse humano em sistematizar os limites do conhecimento organizado em formato dicionário, já reconhecido na obra de São Tomás de Aquino. Mas são os franceses, Diderot e d'Alembert os idealizadores da obra que pretendia reunir todo o conhecimento humano, intitulada "Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers", escrita entre 1751 e 1756, procura equilibrar a crítica das tradições e o culto à técnica. A enciclopédia introduz a noção de conhecimento científico. (CARVALHO, K. 1999 p.30-41)

Para Hobsbawn a enciclopédia não era "simplesmente um compêndio de pensamento político e socialmente progressista..." Representava, na verdade, o interesse em disseminar produção gerada pelo homem. (HOBSBAWN 1996 p.12)

A ciência vai progressivamente se tornando mais expressiva e ao se articular com a tecnologia. No domínio social, os meios de comunicação tais como o telégrafo e o telefone encurtam as distâncias, seguidos pelos novos meios de transportes emergentes. O desenvolvimento das ciências consideradas humanas, no século seguinte segue o modelo das ciências da natureza e nesta fase as ciências humanas passam a se dedicar ao estudo das necessidades da sociedade, no plano político e econômico. Convém ressaltar o aparecimento das fábricas e do operariado, provocando a expansão das

idades, sendo a imigração de camponeses da área rural para os espaços urbanos, realizada de modo desordenado.

Na sociedade atual surgem novos ambientes, onde as redes de relações familiares se organizam marcadas pela solidariedade, entre outras práticas comportamentais. O espaço social passa a se revelar pela diferenciação de papéis, de forma complexa, atraindo representantes da burocracia, das profissões liberais, dos proprietários rurais e das lideranças, dando início a organização do trabalho especialista nos setores públicos e privados. Nesse ambiente a leitura passa a ser estimulada como meio de acesso ao conhecimento. O crescimento da população intelectual, a frágil alfabetização respaldada pela imprensa, mostra-se ainda incipiente face ao iletrismo crescente.

No plano da leitura, é preciso que se estabeleça uma relação de cumplicidade entre os interlocutores para que se possa realizar a assimilação dos seus conteúdos. Entretanto, os modelos oficialmente constituídos não oferecem aos alfabetizados e também aos excluídos os instrumentos necessários para desenvolverem suas capacidades de escolha e de crítica sobre os conhecimentos disponibilizados.

### **A importância da leitura**

Ao reler o artigo sobre a importância da leitura, de autoria de Roland Barthes em parceria com Antoine Compagnon, parece-nos ser desafiador quando enfatiza questões fundamentais relativas a leitura que em vez de um conceito é um conjunto de práticas difusas, introduzindo uma análise cuidadosa de certos aspectos: a leitura como técnica, prática social, forma de gestualidade, modalidade de sabedoria, método e atividade voluntária. (BATHES; COMPAGNON, 1996)

Vale a pena enfatizar que através da leitura é possível ter acesso a novas idéias e conhecimentos essenciais para o desenvolvimento humano. O aprendizado da leitura atravessa séculos, incorporando diferentes formas e práticas que dependem de técnicas e representações relacionadas à visão de mundo e das tradições, reunidas com o passar do tempo.

Houve um tempo que história registra a escassez de eram textos disponíveis e o livro dos salmos era o único texto existente e utilizado durante todo o período de escolaridade do indivíduo, para que mais tarde pudesse ter permissão para ler a Bíblia, único livro disponível para o exercício da leitura.

A leitura era praticada em voz alta, em público e também no âmbito do privado. Neste caso, vale ressaltar que o acesso ao livro era privilégio de poucos, sendo assim, diferentes práticas conhecidas; a exemplo, do que ocorre na Espanha, nos séculos XVI e XVII, quando pessoas se reúnem em grandes salões para exercitar a leitura em voz alta, dirigida a todos os presentes.

A leitura silenciosa, nasce nos mosteiros e a pretensão era de não incomodar os monges quando se encontrassem em repouso, em meditação. Desta maneira, a leitura leva a inibição de um dos sentidos, o gestual. Imagina-se que a eliminação da voz e da expressão corporal se impõe na vida em comunidade. Esta modalidade de leitura sugere

uma relação entre o homem e o texto, estabelecendo as diferenças pelas expressões culturais e a intimidade da vida privada.

Roland Barthes afirma que no século VII Isidoro de Sevilha admite que, a leitura silenciosa representa o poder de favorecer o acesso ao texto quando: ... “ o intelecto esta mais receptivo se a voz de quem lê se cala e a língua se move em silêncio...”(BARTHES, 1987, p. 195)

Os monges na Idade Média, utilizam a leitura como uma prática que favorece o lado espiritual, sendo a leitura, muitas vezes, uma forma de penitência, em substituição a certas atividades do cotidiano como o sono, a alimentação, a vida sexual. Entretanto, fora da vida dos mosteiros, um outro tipo de leitura floresce e se associa ao entretenimento. A obra de Cervantes, intitulada D. Quixote marca uma nova modalidade de leitura, de transgressão em oposição à leitura disciplinar, praticada nos monastérios. Em seguida, surge a leitura associada ao desejo, liberando todas as emoções do corpo marcada pela ausência da dor e a presença da descontração.

Passa-se a privilegiar a leitura do imaginário que consiste na fuga da realidade e estabelece com afimco uma relação dual com o livro e esta modalidade de leitura implica na assimilação e posse do texto. Uma nova maneira de transmitir conhecimento se define com outras características, trata-se do texto científico, considerado como de propriedade de todos, excluindo o sentimento de posse. A leitura passa a ser vista como um ato de produção dos sentidos.

Algumas práticas de leitura tem o objetivo de proporcionar a assimilação do texto. Uma delas sugere a idéia de imitação, representada através da escrita e se configura pela imitação de autores conhecidos, prática que permanece nas escolas, durante muito tempo. O binômio escrita e leitura passa a ser estimulado como forma de aprendizagem. Jean Paul Sartre considera que estes atos conexos incluem dois agentes distintos, o texto e a leitura, complementares.(SARTRE, 1968)

Atualmente, exercitar a leitura significa sugerir a inclusão de outros saberes, além de reunir práticas pedagógicas, admitir tipologias concernentes ao ato de ler e conhecer noções de semiologia sobre a produção de sentidos, de códigos, para torna possível o processo de comunicação. Assim, ler é decodificar letras, palavras e sentidos.

Barthes cita Descartes:

*“ a leitura de todos os bons livros é como uma conversa entre as pessoas mais honestas dos séculos passados, que foram os seus autores.” (BARTHES, R.1987)*

Esta assertiva do autor denota que o acesso a bons textos pode assegurar a confiabilidade e que a verdade extraída do texto é a que resulta da leitura do próprio autor. Ressalta-se a importância da descoberta, a revelação do que o texto pode transmitir ao leitor e que é a sua verdadeira essência.

Neste sentido, os espaços de leitura são fundamentais para o exercício de novas práticas e Roger Chartier admite que:

*“a sociabilidade do convívio, intimidade familiar e doméstica e isolamento individual são as esferas da vida em que a leitura e o livro passam a ter uma privilegiada presença”.* (CHARTIER 1997)

A leitura própria da esfera privada depende da articulação entre escola, biblioteca e família. Ler é uma forma de sabedoria e assim a leitura pode ser entendida como acesso aos conhecimentos produzidos pelo pensamento humano. Neste caso, a leitura é uma via de acesso para a aquisição de novos conhecimentos que conduzem à cidadania.

A leitura como técnica, necessita ser praticada com regularidade, para que seja possível adquirir o hábito de ler. Pode-se citar a leitura dos textos sagrados na idade média, um exercício realizado com certa rigidez de horários, mas que era uma forma de praticar a leitura.

No mundo moderno, o ato de ler, se aprende na escola e tem na biblioteca o espaço ideal para exercitar regularmente a leitura. Ela oferece um universo de possibilidades que garante ao leitor a liberdade de escolha do que se quer ler, tendo em vista a motivação.

Considerando a leitura como método, ela permite a assimilação do texto e o desenvolvimento da inteligência de maneira crítica. O processo de leitura exige práticas renovadas em função da realidade. A inserção de novos suportes tecnológicos resultantes do avanço das tecnologias da informação e da comunicação influenciam os processos de escrita e de leitura.

A imaterialidade dos textos eletrônicos, exige, muitas vezes, critérios condizentes com novas práticas. Deste modo, a leitura incorpora um novo sentido, de saber acessar o texto, considerando que a escrita, a imagem e o som se combinam no cinema, na televisão e são cada vez mais impositivos, provocando a ampliação do universo de troca de informações e idéias. Os processos de leitura passam considerar a exatidão exigida pela ciência e também o prazer do texto segundo a estética. A leitura é o que ela representa, ou seja, o acesso a um mundo infinito e sucessivo de conhecimentos, de experiências, de sentidos.

A mediação entre o texto e o leitor, sugere gostar de ler. Os que conhecem o prazer da leitura podem transmitir às gerações sucessivas e futuras o prazer de ter acesso aos conhecimentos do mesmo modo que os hipertextos e vão se reproduzindo infinitamente. A relação do mediador com o leitor é relevante e o processo de comunicação pode fluir livremente.

### **Livro em papel e livro eletrônico: novos desafios**

Na sociedade atual, a escrita, a leitura e o livro se inserem nesse cenário de forma definitiva. Rouanet, procura explicar a crise do livro como um sintoma no âmbito da cultura. Com a modernidade, valores mercantis vinculados ao ganho e utilidade envolvem esta questão, introduzindo a polaridade entre cultura e civilização. Para ele, cultura designa a esfera simbólica (religião, arte, literatura) e civilização se refere à economia e a técnica. (ROUANET, 2000 p.70)

No século XXI, a preservação do livro como objeto de leitura está assegurada porque a garantia do acesso a informação e conhecimento permanece inalterado o binômio escrita e leitura. Isto porque o livro impresso e o digital coexistirão, cabendo ao leitor a escolha mais adequada às suas necessidades em diferentes circunstâncias. O livro impresso em papel pode preservar a sua característica lúdica, além de disseminar idéias, informações deve manter-se como um objeto prazeroso.

A convivência com as novas tecnologias provoca uma complementaridade natural, principalmente nos processos de disseminação da informação e do conhecimento porque o impresso em papel e o eletrônico podem exercer um papel disseminador da informação a depender da escolha vinda do usuário. A exemplo da enciclopédia, que encontra no eletrônico o suporte ideal, porque permite a atualização rápida, ocupa espaço reduzido de armazenamento e custo acessível.

Historicamente, a leitura inicialmente praticada em voz alta, era uma forma de devolver a voz ao texto e sendo assim, o leitor interpreta o texto copiado com escrita contínua, sem espaços entre as palavras e sem sinais de pontuação. Os romanos davam preferência a escrita contínua por dois motivos:

- atitude elitista pretendendo dificultar a leitura;
- preferência do leitor pelo texto sem marcação para reafirmar a sua inteligência e capacidade de ler.

Como fomentar a leitura, estabelecer políticas públicas para desenvolver o acesso ao livro e a leitura em uma realidade desigual são desafios, e assim, emergem dois segmentos sociais tão diferenciados, um conectado em redes mundiais e outro excluído, fortalecendo a real evidência de pluralidade cultural. As políticas públicas voltadas para o livro e a leitura são necessárias e relevantes. Portanto, duas vertentes são importantes: o estímulo as práticas de leitura a favor da pesquisa e a função da biblioteca como lugar consagrado a leitura, com o objetivo de garantir a socialização do conhecimento, da informação, estimulando à leitura e utilizando métodos convincentes de disseminação.

Wolfgang Iser define o processo de leitura como interação dinâmica entre o texto e o leitor ao contrário de outras teorias que acreditam na leitura, imprimindo-se, automaticamente, na consciência do leitor.(ISER, 1999, p.10)

A aceleração das mudanças na sociedade atual é tão vertiginosa que dificulta articular a ação das instituições dedicadas à leitura, sem políticas públicas pontuais e direcionadas para as classes menos favorecidas. Algumas questões podem ser consideradas pilares que sustentam as práticas de leitura:

- a escola que ensina a ler;
- a biblioteca que é o espaço propiciador ao exercício da leitura;
- a família que contribui para criar um ambiente propício.

Contudo, as duas primeiras instâncias se ressentem de políticas públicas articuladoras e acabam por se tornarem equivocadas e fragmentadas, dissociando o papel da biblioteca

do objetivo da escola, em uma fase da vida do ser humano importante para o desenvolvimento do ato de ler. Se a escola e a biblioteca não conseguem estar associadas com o mesmo objetivo, resta a família na maioria dos casos, representada pela figura feminina. Porém, em comunidades carentes a ajuda da família é complexa e de difícil solução por múltiplas razões.

Para Roger Chartier, a vida familiar, a sociabilidade do convívio e o isolamento individual, são os três pólos da vida ocidental onde se insere a leitura, de grandel importância. Na esfera privada a presença feminina é constante. (CHARTIER,1998, p.140)

Na esfera pública a escola e a biblioteca tem, papéis definidos, escola apresenta o livro, ensina a escrever e a ler; a biblioteca é o lugar das práticas de leitura, responsável pela disseminação e uso do texto. Em países em desenvolvimento, os sistemas de bibliotecas públicas e escolares apresentam um quadro bastante complexo. A biblioteca pública, aquela que apresenta o livro ao leitor como forma de assimilar conhecimento se ressent de manutenção regular; e a biblioteca escolar que auxilia a escola funciona precariamente; esses dois sistemas de bibliotecas funcionam de forma desarticulada, na maioria das vezes, sem que políticas públicas sejam propostas pelo estado.

Com o advento das tecnologias da informação a falta de planejamento estratégico e de políticas públicas necessárias dificultam as ações e mesmo as bibliotecas bem instaladas denominadas bibliotecas híbridas e centros referenciais bem dimensionados têm dificuldades para cumprir o papel de disseminadoras de informação que fluem pelas redes automatizadas de forma surpreendente e rápida, deixando de fora uma expressiva camada da população. Faz-se necessário que a função dessas bibliotecas sejam redimensionadas, proporcionando serviços e aos usuários e atraindo os que nunca freqüentaram bibliotecas ou seja os excluídos.

Nesse cenário, os espaços de sociabilidade sugerem outros comportamentos e novas formas alternativas de utilização de tecnologias modernas. Novos suportes convivem com os impressos que durante tantos séculos imperou sem concorrentes; contudo a palavra escrita continua a se manter absoluta e a preservação da memória a merecer atenção, fazendo uso adequado do eletrônico. Deste modo, mudanças significativas vão sucessivamente mudando o contexto.

As enormes possibilidades introduzidas pela reprodutibilidade técnica é relevante no que tange a disseminação da informação e conhecimento, sendo o livro civilizador importante para a formação de cidadãos, mediante o acesso à informação e ao conhecimento. Questiona-se, em que medida o livro eletrônico pode chegar a substituir o livro tradicional e influenciar as práticas de leitura. Acredita-se na convivência do impresso e do eletrônico de forma complementar, esperando que seja mantida a função do livro e da leitura com responsáveis pela formação de uma consciência cidadã.

Um dos maiores problemas de desgaste do livro impresso reside no uso de cópias feitas em máquinas copiadoras indiscriminadamente. Lê-se trechos de obras sem sequer conhecer os seus autores, correntes literárias, entre outros. A leitura do texto se descaracteriza, deixando de lado a relação autor/texto.



Alguns fatores são perceptíveis nessa passagem do impresso para o eletrônico. O uso da máquina de escrever provocava alterações na preparação dos originais manuscritos, mas preservava o estilo do autor. Com o advento do computador, introduz-se um novo modelo, baseado na aglutinação, permitindo o uso de muitos caracteres; inserção de fotos, desenhos; possibilidades de gravação em disquete para então serem os originais encaminhados à imprensa. Merece destacar:

- a necessidade de garantir a integridade original do texto;
- o uso do hipertexto inovador e que fortalece a interatividade, com possibilidades assombrosamente irreversíveis;
- autor/texto disputam o mesmo espaço;

Certas mudanças se inserem com a nova maneira da escrita no suporte eletrônico, a exemplo de:

- transposição à vontade de parágrafos inteiros;
- inserção de novos textos;
- autores modernos não deixam mais as suas marcas quando propõem correções nos textos. Neste sentido, novas sensibilidades podem ser vistas a partir da nova escrita eletrônica, lembrando a importância dos originais de autores que teciam seus próprios comentários nas margens da páginas, valorizando esses exemplares.
- transmissão à distância de textos que no ensino, permite cursos a distância;
- um novo usuário, navegante em redes de informática, reintroduz o poder da escrita vinculado à imagem, fortalecendo as possibilidades de um novo tipo de interação.

Em relação ao olhar humano observa-se que é preciso treinamento para acompanhar a movimentação da tela. Através do computador, a palavra escrita deixa de ser estática, a volatilidade e a interação são permanentes. O texto pode ser escrito e reescrito sendo possível, apagá-lo ou modificá-lo, além das possibilidades de articulação com hipertextos que interferem na narrativa do texto. O processo de aprender a ler inclui a associação de formas gráficas às fônicas e também a construção de um objeto conceitual, a língua escrita, que permite interações culturais.

Apesar de todas as transformações e dos múltiplos processos de disseminação da informação a partir do livro, as estatísticas demonstram uma diminuição de leitores na sociedade contemporânea. As causas podem estar nos programas de alfabetização, cujas práticas de ensino escrita/leitura, na maioria das vezes apresenta uma recepção passiva de compreensão dos signos para entendimento dos significados.

Entretanto, a transmissão da leitura crítica nem sempre é passada para o aluno/leitor. Outro fator de grande relevância é ainda o uso de suportes eletrônicos de forma inadequada. A Internet no ambiente de ensino e pesquisa exerce um papel relevante na tarefa facilitadora de acesso à informação mas o texto impresso em papel é insubstituível quando se trata das atividades de estudo, ensino e pesquisa.

A revolução tecnológica propicia a comunicação imediata e simples de novos conhecimentos pelas redes globais associadas ao poder econômico, sendo assim, a digitalização do livro permite o acesso imediato em casa e está sujeito à proteção dos direitos autorais e editoriais. A globalização sugere mudanças imediatas como se pode

observar com relação ao “best-seller” que transita em plano internacional e é inevitável no processo de mundialização da cultura.

Para Francisco Delich os livros de poesia, os canônicos, são obras que identificam as nações e proporcionam às sociedades a possibilidade de se reconhecerem e dão sustentação institucional ao estado. O esvaziamento nas probabilidades de debates de idéias predis põem ao que o autor denomina de pensamento único e que implica em um grande vazio. (DELICH, 2000 P.45-49).

O que se quer privilegiar em relação ao futuro do livro não é a competição entre o livro impresso e o eletrônico na era eletrônica, mas o papel do livro como instrumento formador de cidadania e como suporte insubstituível tanto para a leitura como para a pesquisa. Uma nova dimensão relativa a circulação de obras impressas, de modo mais disciplinado se instala, possibilitando a construção do texto e a disseminação seletivamente feita pelo próprio autor, oferecendo novos limites de tempo e espaço no que tange a circulação de textos de forma instantânea.

Percebe-se então:

- aproximação, cada vez maior, entre a comunicação impressa e a comunicação oral;
- fluxo de mensagens pode saturar as infovias, dificultando o acesso em terminais;
- necessidade ao retorno a pequenas redes que evitem o gigantismo;
- resgate a convivência entre diferentes suportes escolhidos pelo leitor, impresso em papel, em formato eletrônico ou não, a depender do interesse e do uso adequado.

## **Conclusões**

Na atual sociedade, deve-se preservar a escrita, garantindo o registro do texto e permitindo o acesso à informação, fortalecendo conhecimentos, garantindo o lugar da biblioteca como adequado às práticas de leitura, voltadas para a formação do cidadão, apoiando a pesquisa a disseminação e uso da informação.

Neste sentido, pode-se minimizar o fosso existente entre aqueles que tem acesso ao mundo digital e os que não tem acesso, denominados excluídos, pela falta de alfabetização tradicional, alfabetização funcional e ainda pela exclusão digital. Portanto, é importante que os países que vislumbram ocupar as fileiras, entre os mais bem sucedidos, que invistam em políticas públicas de informação eficientes para minimizar a população formada de excluídos.

Vale lembrar que, nas origens, o rolo de papiro em seu antigo formato introduz conhecimentos mediante os antigos textos. A imprensa torna possível a maior circulação dos primeiros códices, oferecendo a leitura concisa, com páginas numeradas, sumários e índices. Na sociedade atual o livro eletrônico retorna às origens quando segue rolando na tela e inova quando introduz o hipertexto, instantâneo, permitindo uma leitura mais livre. Apesar de tudo, persistem as dificuldades movidas pelos diferentes idiomas e peculiaridades , internacional, nacional e regional.

A coexistência de um texto impresso em papel e outro eletrônico é mantida como parte de um sistema de comunicação inovador, contando com a participação do leitor e do

autor. A internet propicia estas possibilidades ao texto. A circulação do livro em papel possibilita a transmissão de conteúdos na sua essência, sendo a leitura assimilada, gradativamente, enquanto o suporte eletrônico demonstra estar comprometido com a velocidade de circulação e disseminação de textos. No primeiro caso favorece a aprendizagem, estudo e pesquisa e no segundo caso apóia vetor comunicacional.

Existem práticas de disseminação que fomentam, cada vez mais, a procura do texto. Neste sentido, políticas públicas devem convergir para articular as esferas concernentes à biblioteca, a escola e família e ainda, espaços de ensino de práticas complementares. É preciso perceber esta realidade fragmentada — escola, biblioteca, família—vista por um novo prisma da convergência.

Para isto, estruturas em rede devem ser repensadas para que se ampliem ainda mais os espaços de aprendizagem, de absorção da informação e conhecimento, utilizando novos formatos eletrônicos e mídias disponíveis, entre elas as infovias e outras dimensões do ciberespaço. Esta percepção de mundo não mais se restringe ao espaço convencional, destinado às instituições tradicionais porque surge cada vez mais novos espaços de aprendizagem que apontam para novas alternativas de preparar cidadãos, aumentando a auto-estima, estimulando a respeitabilidade do ser humano. E que este sentimento se expresse nos atos dos governantes, em busca da valorização do homem construindo uma consciência mais profunda que o leve ao sentimento de pertencer a um grupo social, a um povo. A leitura é fundamental e representa a porta de entrada para a construção da cidadania.

Sugere-se a necessidade de adotar políticas públicas que possam, repensar a formação continuada pelos meios tradicionais ou interativos; criar disciplinas dedicadas à Literatura Infantil e Juvenil, Fundamentos de Leitura, Formação de Leitores nos Cursos de Letras, Biblioteconomia, Arquivologia, Pedagogia e áreas afins; valorizar o papel da pesquisa no campo específico; envolver alunos de universidades em programas de leitura.

O grande problema reside na execução dessas políticas públicas que na maioria das vezes não saem do papel. É necessário que se encare o problema do acesso ao livro e a leitura dando a devida importância, a erradicação do analfabetismo em geral latente nas camadas menos favorecidas da população.

As ações que exigem a participação da sociedade também merecem destaque, entre elas: a criação de bibliotecas em municípios, a manutenção de equipamentos; dinamização de programas de leitura em bibliotecas públicas e escolares integradas ao projeto político-pedagógico da escola; estímulo a programas de valorização da função docente; incentivo à pesquisa que beneficie o custo de materiais básicos para a leitura; projetos de estímulo a leitura nas escolas; implantação de ações voltadas para zona rural; valorização de ações de autores nacionais e incentivo a concursos literários; ampliação de parcerias com instituições similares; e viabilização de oficinas de leitura e escrita. Finalmente, a articulação necessária entre a escola que ensina a ler e a biblioteca que garante o exercício da leitura.

O jovem leitor vive um período de profundas transformações no âmbito da esfera cognitiva, envolvendo o processo de aprendizagem, destacando a percepção que extrapola do discurso linear, próprio do impresso para o discurso circular, dos meios eletrônicos e que afetam a memória. O ato de ler no impresso em papel exige um esforço considerável e está relacionado com o tempo, sendo um processo lento, enquanto a tela do computador não está relacionada ao tempo.

Países em via de desenvolvimento, com uma grande percentagem de excluídos necessitam fazer um esforço hercúleo para conseguir a minimização desses percentuais, aumentando o contingente de verdadeiros cidadãos. De Fiore resume os pressupostos que garantem uma política de estímulo à leitura no Brasil. Entre as ações estão relacionadas: criar programas de apoio às famílias predispostas a ler com as crianças, sediadas em bibliotecas, sindicatos, igrejas, órgãos da sociedade, entre outros; fortalecer a biblioteca escolar; introduzir a leitura diária e prazerosa na escola; sensibilizar e engajar os docentes em programas de incentivo a leitura; expandir a rede nacional de bibliotecas públicas e estabelecer ligações com as periferias; expandir redes de livrarias ampliando o comércio livreiro inclusive facilitando a venda de livros; criar programas de financiamentos para pequenas e médias editoras apoiando a distribuição de livros; criar um sistema de fomento e financiamento ao longo prazo; articular instituições com o apoio do estado Com organizações da sociedade, empresas e universidades.(DE FIORE,2000, p.3-33)

Nessa transição, o ser humano deve utilizar as tecnologias em proveito próprio, sem negligenciar a leitura linear e utilizando, adequadamente, de forma racional outros suportes, técnicas e tecnologias, coexistindo sucessivamente entre si.

Acredita-se em novos movimentos sociais que possam desenvolver de forma criativa e mais adequada a identidade e a democracia, ressaltando os direitos já adquiridos pelo ser humano entre eles, a liberdade de escolha, o pensamento crítico, a diversidade cultural e a preservação da memória, pressupostos básicos indispensáveis à condição humana, em uma sociedade profundamente competitiva e marcada pela pluralidade cultural.

## **Referências**

Argullol, Rafael (2000). Cumplicidades. Revista Tempo Brasileiro, 142: 15-28; jul-set.

Barreto, Aldo (1990). A formação de recursos humanos para otimizar a indústria de produção do conhecimento no Brasil. Ciência da Informação. 19(2) 113-16,jul-dez.

Barthes, Roland (1987). Compagnon, Antoine. Leitura In: Argumento, 11: oral, escrito, argumento. Lisboa:(pp.21-30) I. Nacional Casa da Moeda

Canclini, Nestor (1995). Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Carvalho, Kátia de (1999). O complexo mundo da leitura. Informare, 5(1), 30-41, jan-jun.

- Carvalho, Kátia de (1999). *A travessia das letras*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Castells, Manuel(2000). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra .
- Chartier, Roger (1989). *A história cultural entre práticas e representações*, Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Russel.
- Darnton, Robert (1997). *Edição e sedição*. São Paulo: Comp. das Letras.
- De Fiore, Ottaviano (2000). Como tornar o Brasil uma Nação letrada? *Jornal da UBE*, set, p. 3-33
- Delich, Francisco (2000). Parábola do livro na cultura global. *Rev. Tempo Brasileiro* 142:45-49, jul-set.
- Hobsbawn, E (1986). *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras
- Iser, Wolfgang(1999). *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34.
- Marteletto (1992). Regina Maria. *Cultura, educação e campo social: discursos e práticas de educação*. Rio de Janeiro: ECO/ UFRJ.
- Moraes, Rita (2001). De bem com as letras. *Isto é*. (1663). 60-62.
- Orrico, Evelyn (1999). *Redes de Leitura & Ciência da Informação*. *Informare*. Rio de Janeiro. 5(1), 105-119, jan-jun.
- Rocha, Marisa Perrone Campos (2000). A questão de cidadania na sociedade da informação. *Ciência da Informação*. 28(1) 40-45, jan-abr.
- Rouanet, Sérgio Paulo (2000). A cultura do fim de tudo: do fim da cultura ao fim do livro. *Rev. Tempo Brasileiro*. 142:67/85, jul-set.
- Sartre, J (1968). *Paul. Qu' est ce que la literature*. Paris: Gallimard

## **SOBRE EL AUTOR**

---

### **Kátia de Carvalho**

(Brasil) Professor titular do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia. Diretora do ICI/UFBA; membro do Programa de Pós-graduação de Ciências da Informação-ICI9/UFBAEM Ciências Documentais e da Informação, ramo arquivo.

katiac@ufba.br